

## CARIOCA DE CAFÉ

Teresa Martins Marques

Publicado no livro **VIANA A VÁRIAS VOZES**.

Edição da Câmara Municipal de Viana do Castelo, 2009.

Naquela tarde de um Agosto quente como não há memória, a mais improvável das mulheres, que eu pensaria encontrar em Viana, deu entrada no café *A Caravela*. Vários pares de olhos escancarados seguem os minúsculos calções de um branco imaculado, que fingem vestir umas longas pernas de chorar por mais. Um top branco impecável, moldável, alças finíssimas, realçava o bronzeado do decote. A malta costumeira, que àquela hora dormia a sesta, à frente de uma ronceira imperial, acordou estremunhada. A deusa ondeou em passo seguro até à mesa vizinha daquela onde eu me sentara, sorte assim! e com ar de princesa acostumada a vassalagem, quase roçou o nariz empinado do Rui, meu vizinho na mesa fronteira, espanejando a longa juba, da cor do saco de palha, ao ombro. Empoleirada numas brancas sandálias de tiras, somente as unhas vermelhas marcavam contraste no tom do conjunto. Senhora branca e vermelha, ai Garvaia, onde irá a saia! Já morro por vós. Ai, ai...

A dama escolheu uma mesa de canto, traçou a perna, franziu o sobrolho e, em voo rasante, peneirou os olhos sobre a matula, que logo se encolheu, agitando vagos restos de espuma da morna imperial. O sotaque brasileiro, ao pedir um guaraná, não temos, oh, então, por favor, um carioca de café, provoca um risinho de entendidos, a esta é que eu lhe dava o chá, rosnou esfomeado o meu vizinho de mesa.

Do saco de corda não saiu nenhum maço de cigarrilhas More, antes inesperado e volumoso maço de fotocópias, presas por um fino elástico, que inoportunamente rebentou em físga e, por sorte de um consílio de mil demónios, veio aterrar na minha mesa. Oh, preteixi um sorridente não faz mal à deusa, e enviesei os olhos ao título em latim, quem diria, valha-me D. Francisco Manuel, Deus me guarde de mula que faz him e de mulher que sabe latim.

Tão rápida a sua mão, apenas sobrou a última palavra *Imperatoris*. Fincou uns olhos vivos, atentos, nas folhas que iam e vinham ao sabor de uma caneta raivosa que sublinhava, desenhava círculos, barras, setas denunciando larga quilometragem de estradas de papel.

Entre duas páginas viradas, em movimento descansante depois de tanta fúria leitoril, apanho-lhe os olhos, sorrio-lhe a medo, arrasto vagamente a asa e arrisco um tímido, já a vi em Lisboa, na Biblioteca Nacional, Que sim, tem ido muito lá. Eu também, só que não tenho bolsa. Em Portugal não há nenhum CNPQ, só uma FCT, que não chega para as encomendas, valha-nos Deus ou a Vigi Maria, só nos sai do bolso para pagar propinas caríssimas! Eu, que sim, em Lisboa, História Moderna e Contemporânea, na Faculdade de Letras. Sorriso e ah!

Ela de famílias galega e minhota, há muito no Rio, fazia o doutorado em História Medieval, na UFRJ, tinha escolhido um tema das raízes portuguesas. O *Recontro dos Arcos de Valdevez*. Que sim, estava de passagem em casa de Titia, ali na rua do lado.

Sorriso educado e afastativo na página seguinte. Longa pausa. E agora? Como volto a dirigir a palavra a este monumento? Que não, obrigada, levantou-se, pagou, ia jantar em casa de Titia. Saio também, Henrique Veloso, muito prazer. Ao meu apelido, deixou cair Marlise Nunes. Sorriso simpático, algo intrigante, que nada! A mão deslizou suavemente e os calções brancos desaparecerem na esquina. Ao longo de todo aquele santo Agosto esperava-a todos os dias n' *A Caravela*, como quem espera a salvação. E o chato do Rui a dar-lhe: História? Pois, pois, olha o sortudo, conta-lhe histórias, conta... Eu bem contava, mas nada! A agonia não era só a da Senhora.

Estás a brincar! A tua Tia pediu-te isso? Vestires o traje dela no cortejo? Promessa de quem? Tu, uma carioca de gema, havias de ficar linda, havias! Não queres antes desfilar em traje de samba? Cale a boca, infeliz, você sabe lá do que eu sou capaz. E não sabia mesmo, pena minha...

No dia da Senhora d'Agonia, sem voltar a dizer ai nem ui, Marlise aparece-me ourada, brincos de filigrana à rainha, cordão com peças de meia libra, trancelim e soga de onde penduricalhavam relicário, custódia e corações invertidos, uma riqueza ambulante, Santa Luzia ou Santa Maria Maior nos livre da gatunagem! Estou uma bêlêzura, né? Puxa vida! Os calções e a minissaia tinham dado lugar a saia rodada escarlate, com listas pretas e brancas, que enfunava por baixo do avental de rosas, que iam para lá, vinham para cá em meneios de toque de samba! Caramba! A mulher é maluca, tugiou o Rui, mas emudeceu logo, perante o meu olhar ameaçador.

Maluca, uma ova, pá, ela é uma graça divina, um prémio em pessoa, sei lá o quê, raios me partam! Olha-me aquele monumento, digo e repito e com vontade de imitar o Papa e beijar o chão, de lhe cair de joelhos a rezar pela salvação da minha alma, seja lá o que isso for.

Nem a Guilhermina Suggia vestida de minhota, juro que a vi paramentada de vianesa numa revista na net, se podia comparar a esta carioca caída do céu de Agosto em terras de Santa Luzia. Agora a música apetecida era de câmara, clamavam os meus cinco sentidos em coro Calma aí, que a procissão ainda vai na praça! Vais ter de suar as estopinhas que esta aqui dá-te mas é a ti o chá, o café, o carioca e o guaraná, remocava o Rui, filho da mãe, para não dizer pior, tinha aquela tineta de meter os olhos e o bedelho onde gostaria de ser chamado. Mas não era, nem eu.

Tudo de pernas para o ar, vá-se lá entender as mulheres, um gajo hoje não sabe a quantas anda, o mundo às avessas, as santinhas já eram e a gente fartinhos delas sonsas e insossas. Olha-me só para esta, que bela sobremesa de fruta exótica e nada, a gente aqui a rilhar o dente guloso. Com saia de palmo, atira-nos um espera aí, não querias mais nada, pára e olha, proibido o trânsito na linha!

Nunca chegámos a andar de comboio. E nem o Expresso do Oriente estaria à altura desta deusa viageira. Fomos até à Portela do Vez, no meu carrito vermelho, em terceira mão, caramba, ainda em muito bom estado. Que sim, tinha de se documentar sobre o lugar do acampamento do Imperador, no Castelo de Pena da Rainha, a minha pulsação a subir, a subir, perante os longos discursos dela, meu Deus, que desperdício de sabedoria ambulante, e eu, a disfarçar, pois, pois, vesgo da claridade do cabelo, da luz dos pontinhos luminosos que se alteavam arfantes no ardor da explicação. Que desassossego o desta criatura, que não faz uma trégua, uma pausa sequer, nesta escaramuça, ou recontro, ou bafordo, ou lá o que foi, quero lá saber, só quero saber de ti, Vigí Maria me acuda!

Tímidos avanços, os meus, nenhuns os dela. Uma vez ou outra um tocar de mãos como por acaso, derreados do caminho pedregoso, quando a caminhada era longa. Uma única vez, depois de um pestanejar mais lento e demorado, estiraçados à sombra de uma árvore, beijei-a furtivo, como quem não quer a coisa, oh, se eu queria a coisa. Ela levantou-se como um foguete, que é isso, tá maluco, até fico sem graça! Moça séria, de família. Via-se, infelizmente para mim. Elogiei a sorte do felizardo engenheiro Naval, ou de Minas, sei lá que armadilhas não prega o destino a um homem que tem a sorte ou o azar de se meter em viagem pela vida com um mulherão assim. Que nada! E continuava a sorrir inteligente, cultíssima, desdobrando nomes e datas, enquanto manuseava, lesta, as fotocópias da *Chronica Adefonsi Imperatoris*.

Não me atrevi mais, fingi distância, mal fingida, está claro, e todo o santo Verão esperei um sinal, a estratégia é assim, a gente recua e elas avançam. Mas esta não, esperta de mais, ou séria de mais, o sinal não veio. Tinha namorado no Rio, rapaz decente, coisa para casar, sim, senhor, o que é que eu estava pensando? E como eu a estava pensando, suando por todos os poros altas horas da noite! No dia seguinte entrava no café, fazia de conta que não a via, mas ela desarmava-me com um sorriso entre o malandro e o gaiato. Raios me partam, e lá vinha ela, você sabe, afinal, em que ano se deu o tal de Recontro de Valdevez? A fingir que a conversa me interessava, arrisquei 1140, a data que vinha no *Dicionário de História de Portugal*. E logo ela afogueada, estava enganado! A data era 1141. Nem por sombras 1140, como escrevera um tal Carlos Frederico Montenegro de Sousa Miguel. Certeza? Absoluta! A carta de couto do mosteiro de Paderne não deixa dúvida. Não? Claro que não! Nos primeiros meses de 1141. Como sabia? Ora essa! A tal carta dada por D. Afonso Henriques era de 16 de Abril de 1141, para agradecer à comunidade a quantia de cem áureos, um cavalo de quinhentos soldos. Quantos? Quinhentos, mais éguas e potros e 30 móios de vinho, na altura da conquista do Castro Laboreiro, ali ao lado, em Melgaço.

Tanto artigo a pedir revisão, dizia ela e eu que sim. É preciso ler a Monika Blöcker-Walter, o Bernard Reilly, atalhava ofegante a minha loura sábia. Não só, não só, retorquia eu, a fingir de abespinhado no orgulho nacional, não querem lá ver a pispineta carioca a querer ensinar o padre-nosso ao vigário, logo a mim, minhoto de gema e boa cepa. Mas ensinava. Depois daquela data não arrisquei mais nada. Valeu-me *in extremis* de crassa ignorância a abençoada colecção dos Reis. Nunca julguei que me desse tão bons frutos logo o primeiro volume. Obrigado, Mattoso, como eu fiz figura à tua custa! Pois pega lá, ó minha carioca de café, de limão, de perdição, esses recentes senhores da estranja limitaram-se a confirmar o que já em 1936, vê bem, tinha dito o Augusto Botelho da Costa Veiga nos *Estudos de História Militar Portuguesa*. Ah, não leste? Pois vai ler, e ela ia! Com pena minha, que me deixava horas infinitas na mesa ao lado, sempre n'A *Caravela*, disfarçando a súplica, a graça de um olhar que a safada entendia, oh, se entendia, e às vezes concedia. Suplício de Tântalo, tão pouca água para tanta sede.

Nas pausas que fazíamos rua abaixo rua acima, os pontinhos luminosos tremeluziam do vigor convicto da tese que oralmente treinava para mim. Tremia eu mais ainda de ver escorrer, apressados, os dias daquele Agosto, único no meu calendário, que me ficaria como na cantiga de Les *Chats Sauvages* - *Quand vient la fin de l'été sur la plage il faut alors se quitter*. E deixámo-nos. *Peut-être pour toujours*. Há sempre um *peut-être* nas histórias inconclusas, e esta era.

Titia era a Senhora D. Maria de Monserrate Correia Nunes, galega nascida em Pontevedra, viúva de brasileiro dos Arcos de Valdevez, rico e respeitado, não havia de ser? Passei a cumprimentá-la com o meu melhor sorriso sempre que nos cruzávamos, tendo o cuidado de perguntar pela sua rica saúde, e logo ela me dava novas do Rio, a senhora não era parva nenhuma e não se lhe dava a ela que nos tivéssemos dado nós um pouco mais, a sobrinha era a filha que não teve, quem dera que ela tivesse ficado por cá.

Que sim, a tese fora um sucesso, nota máxima, pois claro, Marlise tinha tanto de boniteza como de inteligência! Casamento na Candelária e eu morrendo de ciúme, quem me dera que tivesse sido aqui mesmo em Viana, na Santa Luzia, e eu de noivo, não se me dava trocar os *jeans* coçados por um fraque, desde que Marlise fosse a noiva, meu Deus, o que faz a frustração, onde é que a imaginação me levava, puro masoquismo, está bom de ver. O casamento foi na Santa Luzia, o fraque apertado, alugado no Porto, a noiva era outra, pobre dela, culpa minha, não resistiu à comparação, obsessão, confesso, sem arrependimento. Sol de pouca dura. Dois Agostos com os termómetros a baixarem, lá regresssei à minha condição de inveterado solteiro alumiado por pálidas velas de ocasião.

Cinco anos passaram desde que a minha loira sábia entrou pela primeira vez n' *A Caravela*. Atirei-me ao ensaio como um condenado, tomei banho de bibliotecas, o estudo tem estas virtudes, camuflar de sabedoria a decepção. Fui a banhos à Biblioteca Nacional à procura do tempo perdido. Afinal, Marlise perdeu-me a mim, mas não perdeu tempo. Quando a BN fechava para férias, fechava-me eu também em casa vendo o mar ao longe da janela do 9º andar da Quinta do Marquês, na Linha. De vez em quando, subia a Viana, mas era um aperto entrar n' *A Caravela* e ver a mesa de Marlise sem os calções brancos da minha perdição. O Rui, o grande amigalhaço, que é isso, pá, mulheres há muitas, vamos no sábado a Vigo e arranjo-te lá duas iguaizinhas à sábia, estas não abrem a boca para falar, nem dás pela diferença, pá! Mas dava, oh, se dava.

Voltava à mesa de trabalho, as publicações umas atrás das outras, as colegas da Faculdade, mas este rapaz não dorme! Coisa assim, o estudo já é vício e era. Vício impune, mas não impunemente. Soaram-me ao ouvido como música celestial as comemorações dos Duzentos Anos da ida da Corte para o Brasil. D. Maria de Monserrate, oh santa senhora, Deus a alumie na sua glória quando chegar o seu dia, tinha-me dito das andanças de Marlise, agora pesquisadora do Pólo do Real Gabinete no Rio. Ala, que se faz tarde, o convite para a sessão vinha na hora H, eu acabara de dar a lume *A Corte Luso-Brasileira na Historiografia Portuguesa*.

Traço de união da memória, que é fogo que arde e às vezes se vê. As palmas demoradas mostraram que não fiz má figura no alto do estrado daquele belíssimo Salão Nobre do Real Gabinete, construído com dinheiro português, nem tudo foi de lá para cá, nem tudo.

No fim da minha apresentação, um sorriso conhecido, uns olhos de fogo, um cabelo sempre louro avançam na minha direcção. Você lembra de mim? E eu que sim, que sim, já a tinha visto ao longe, a sorrir por todos os poros gaguejantes. De tese editada na mão, logo após a dedicatória, Marlise, ao jantar desse dia dá-me novas da carreira de vento em popa. O ex-marido engenheiro naval, em matéria náutica, dizia ela, plagiando um amigo de Lisboa, era só meia nau, porquê? Porque só tinha proa... Já regressara de vez às delícias do mingau materno em Belo Horizonte. Há que tempos que Titia me tinha contado, porque é que julgas que aceitei o convite para o Rio, deusa

adiada, pedaço de mau caminho. Paz à sua alma, disse ela, respondo logo *Deo gratias*. Você não tem jeito? Não.

Ela ainda se lembrava muito daquele Agosto em Viana, da ida à Portela de Vez, como poderia esquecer as férias pesquisadoras naquela cidade linda, vestida de minhota ao calhas? Havia de voltar, num qualquer Verão, quem sabe outra vez na Senhora da Agonia, agora vestida a rigor... O sorriso era o mesmo. Os cabelos do mesmo louro palha, agora mais curto. As pernas longas cruzadas, ainda bronzeadas do sol de Copacabana, realçavam o *tailleur* de linho branco, selectíssimo. Fechei os olhos no avião de regresso e não foi de sono.

Os *emails* dela, ao princípio cheios de cortesias académicas, foram dando lugar a um calor amigo, antigo. Sei o que quero, sei como quero. Quero uma imagem, um reencontro à sombra de uma árvore. Quero umas sandálias brancas de tiras, com dedos vermelhos a espreitar.

From: marlisenunes@ hotmail.com

To: henriqueveloso@gmail.com

Vou em Setembro a um Congresso a Lisboa e passarei por Viana para visitar Titia. Está velhinha, mas muito boa ainda de cabeça. Os ares de Viana conservam a memória!

Não quer ir comigo a Viana? Com você tem outra graça entrar n'A *Caravela* e pedir um carioca de café:)

From: henriqueveloso@gmail.com

To: marlisenunes@ hotmail.com

Vens em Setembro e vai ser Agosto de novo:)

Você devia ter confiado mais no acaso, no destino, disse-me ao ouvido. Afinal, os nossos sobrenomes são os mesmos dos dois fidalgos contendores do *Recontro dos Arcos de Valdevez*. Rodrigo Peres Veloso e Gomes Nunes de Toroño.

Ah, lembro-me que sorriste enigmática, quando te disse o meu nome no dia em que entraste n'A *Caravela* pela primeira vez. Lembro sim... Achei uma enorme coincidência.

Mas bem sabes que Veloso e Nunes eram rivais, oficiais do mesmo ofício, remoquei, seguro de mim. Chegaram a acordo, pespegou-me logo, intrépida. Minha brasileira de uma figa, rosnei-lhe. Brasileira e galega, corrigiu, lépida, você não esqueça que meus avós maternos nasceram em Pontevedra!

Os cabelos em ondas do mar de Vigo, ai deusa que és, os olhos impossíveis de confiscar, faiscavam doces e acutilantes, os anos não passaram pela sua pele de seda. O futuro, esfinge irrespondível; a memória, néctar de sede da deusa – armadilha de loiros fios de seda em que me apetece enredar.